REFLEXO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO COMPORTAMENTO ADULTO

Camila dos Reis Leandro[1]

[1]UFG/IF, camilatodos@gmail.com

Resumo

Resumo escrito em único parágrafo contendo mínimo 50 e máximo 300 palavras.

Palavras-chave: Educação básica; Educação corporativa; Comportamento estudantil; Comportamento adulto; Ensino de física.

Introdução

O conhecimento prático, além do teórico, é uma parte importante de uma formação profissional. Segundo o dicionário [1] *"profissão sf ocupação que requer conhecimentos especiais, da qual se podem tirar os meios de subsistência"*. Para os cursos de licenciatura o conhecimento prático faz parte do dito conhecimento especial e é adquirido através do contato entre licenciandos e escolas. Tal contato deve ser dirigido por profissionais mais experientes da área, e um professor pertencente à instituição de ensino superior designado para essa tarefa. Estes guiam o licenciando ao conhecimento da prática profissional de tal forma que a rotina profissional seja visitada e analisada sob a luz do conhecimento teórico adquirido no curso superior. O conhecimento prático adquirido de forma regular segue a Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 na qual lê-se:

> *Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.*

Para o curso de licenciatura em física ofertado pelo IF/UFG (Instituto de Física/Universidade Federal de Goiás), o estágio faz parte da grade curricular, sendo dividido em 4 períodos, resultando em dois anos, conforme Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 na qual lê-se: *"§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. "*

Especialmente, para o curso citado anteriormente do IF/UFG, o estágio é tratado como o meio capaz de promover o aprendizado e desenvolvimento de todos os envolvidos na conexão, promovida pelo licenciando, entre universidade e escola. São os envolvidos: alunos, licenciandos, professores do ensino básico e professores do ensino superior.

[1] Melhoramentos dicionário língua portuguesa, São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. p. 236

Nesse ambiente o objetivo também é aproximar a educação superior da real educação básica. Esse desenvolvimento mútuo entre os agentes envolvidos, é movido pela liberdade que cada um possui de analisar e interagir sobre as práticas escolares.

Tantos agentes, de vivências diferentes, conectados e em desenvolvimento, apontam para quão enriquecedora é essa relação. Fazemos parte de uma perspectiva de avanço exponencial para o patrimônio intelectual da prática docente, especificamente para o ensino de física. Pois, esse elo agita expressivas investigações.

Sou aluna de graduação pelo curso de Física Licenciatura oferecido pelo IF/UFG, antes disso cursei um Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos e trabalhei como assistente de Recursos Humanos/Departamento Pessoal, aproximadamente 4 anos. Pela experiência de vida adquirida por mim até o momento, (vide minha trajetória social e escolar no anexo I). A partir do que vivenciei nos meus empregos e durante minha formação básica (ensino básico), concluí que estes segmentos não se relacionavam no quesito preparação comportamental para o mercado de trabalho e a vida de certa forma. Dito isso, considero uma falha a educação básica não se conectar ao futuro do ser humano que a frequenta. Quando falo futuro me refiro ao comportamento adulto. Principalmente em minhas últimas experiências profissionais na área de recursos humanos, notei que muitos dos trabalhadores mais explorados acreditam que nada podem fazer quanto a sua situação profissional, sendo que eu via neles capacidade. No período em que cursei a educação básica, não recordo de haver abordagens desenvolvidas, pela escola, para introduzir os alunos para vida adulta. Acredito que essa falta pode ter gerado um grande despreparo para os ex-alunos no sentido que ao encararem o mercado de trabalho e as responsabilidades eles acabam desenvolvendo sua própria forma de sobreviver no mercado, que muitas vezes é miserável.

> Marques (2001) destaca que a função da escola no século XXI tem o objetivo precípuo de estimular o potencial do aluno, levando em consideração as diferenças socioculturais em prol da aquisição do seu conhecimento e desenvolvimento global. Sob este prisma, ele aponta três objetivos que são comuns e devem ser buscados pelas escolas modernas: (a) estimular e fomentar o desenvolvimento em níveis físico, afetivo, moral, cognitivo, de personalidade; (b) desenvolver a consciência cidadã e a capacidade de intervenção no âmbito social; (c) promover uma aprendizagem de forma contínua, propiciando, ao aluno, formas diversificadas de aprender e condições de inserção no mercado de trabalho. Isto implica, necessariamente, em promover atividades ligadas aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo, de forma integrada a **trajetória de vida** da pessoa. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 26, grifo nosso)

Para famílias estruturadas tanto material quanto emocionalmente, esse futuro adulto é bem aconselhado a se desenvolver cada vez mais, crescer como pessoa e como profissional. Mas, infelizmente para outras famílias essa estrutura não existe. O que é passado para esse futuro/recém adulto é a necessidade de encarar a primeira oportunidade como a última; o mercado como algo difícil e desfavorável para eles; que eles não conseguirão estudar; que existe uma competição da qual já estão eliminados… O futuro para esses adultos já foi estabelecido de alguma forma. Pela falta estrutural familiar a escola se torna a esperança para um futuro diferente. Receio que nem os alunos e nem a escola aparentam considerar isso.

> As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da auto-estima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social (Volling & Elms, 1998). Por exemplo, pais punitivos e coercitivos podem provocar em seus filhos comportamentos de insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas de risco social na escola e na **vida adulta**. Booth e cols (1998) investigaram o apoio social e emocional de mães e de outras pessoas envolvidas com a criança e suas repercussões na adolescência e vida adulta. Eles observaram que a qualidade da relação mãe-criança é transferida, posteriormente, para outras relações interpessoais, **na escola e no grupo de amigos**. Paralelamente, identificaram que a qualidade da relação com os pares e amigos pode compensar a baixa qualidade de interação com as mães. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 24-25, grifo nosso)

Expectativas do Futuro Professor

Me chamou atenção, se tornando uma das minhas convicções, que a inteligência não é algo pré-estabelecido – é dinâmico. Que *todos* têm dentro de sua estrutura cognitiva a capacidade de aprender. A diferença de uma pessoa para outra está no momento de algumas apropriações, vistas em pontos diferentes da linha do tempo da história de cada um. Acredito que os alunos da educação básica, principalmente os mais carentes, precisam acreditar que tem capacidade. Para que, ao sair da educação básica, eles acreditem no seu potencial, e possam mudar seu futuro pré-estabelecido pelas circunstancias, melhorando as condições dele e da sua família.

As análises serão hierarquizadas verticalmente e horizontalmente em: âmbito motivacional (psicologias humanista e behaviorista), âmbito social (teoria de famílias e estudo de economias baseada, a princípio, no artigo citado na introdução), e âmbito escolar (teoria de aprendizagem). Embasadas nas teorias: Psicologia Humanista de Maslow, psicologia behaviorista de Skinner, a teoria da aprendizagem sócioconstrutivista de Vygotsky.

Contexto e possíveis ações a serem desenvolvidas na escola campo

Um estágio como é popularmente conhecido, hierarquiza a relação dos envolvidos de tal forma que o objetiva, ou seja, uma formação mais tecnicista, na qual a reflexividade é deixada de lado. A esse nível de formação nomeia-se **nível 1** por Genovese. Confrontado sob um contexto opressão e consciente da relevância das experiências coletivas, Genovese estabelece uma relação entre campo escolar e campo universitário, tal que na intersecção desses campos se encontra o chamado Grande Grupo de Pesquisa - GGP no Instituto de Física da Universidade Federal de Goiás – IF/UFG. (GENOVESE, 2016). Para o curso Licenciatura em Física ofertado pelo IF/UFG, o estágio está nesse contexto desde 2010, e é tratado como o meio capaz de promover o aprendizado e desenvolvimento de todos os envolvidos na conexão (GGP), originada pelo licenciando, entre os campos universitário e escolar. São os envolvidos: alunos, licenciandos, professores do ensino básico e professores do ensino superior.

Uma marca do GGP é o translado do nível 1 para o **nível 3**, ou seja, de um nível de formação tecnicista para um nível de formação reflexiva na qual o professor supervisor do estágio assume posição de formador do campo escolar, o estagiário é

formador experiente ou iniciante, e o professor de estágio é formador do campo universitário. O nível 3 é chamado **praxiológico**. Essa é a maior característica, nesse nível as relações hierarquizadas do estágio passam a ser vistas como relação de cooperação mútua, na qual cada agente pode interagir reflexiva e criticamente sob outrem, promovendo o desenvolvimento mútuo de todos os agentes nesse ambiente que aproxima a educação superior da real educação básica. (GENOVESE, 2016)

A realização deste estágio é envolta por um ambiente estimulante e investigativo.

A escola em que este trabalho será desenvolvido, Colégio Estadual João Barbosa Reis, designado aqui como JBR, possui uma estrutura física mínima (porém em más condições), com sala de biblioteca (desmontada), sala de informática (fechada, com poucos computadores), quadra aberta (com irregularidades no piso), salas com quadro branco (falta de marcadores) mesas e cadeiras (velhas), espaços de convivência desmontados (exemplo, um local com totó e ping-pong largado), um espaço de terra (inutilizado), em algumas salas não tem lâmpadas. As visitas à escola mostram essa condição, mas, nem sempre foi assim. Existe um blog[2] da escola que parou de ser alimentado em 2014, nele tem publicações de uma época que esses espaços não eram abandonados, como é hoje. De modo geral temos uma estrutura básica precária, a qual necessita de trabalho para se tornar um espaço funcional novamente.

O corpo docente, em primeiras impressões, é constituído por uma equipe divergente quanto aos objetivos principais da escola. Como se cada integrante tomasse seus objetivos individuais quaisquer, acima dos objetivos da instituição da qual fazem parte.

Não posso confirmar agora, (pretendo confirmar assim que possível) acredito que a grande maioria dos alunos do JBR e suas famílias são residentes de Madre Germana I. O que posso dizer sobre os alunos é que nas salas de 1 ano vemos alunos preocupados em trabalhar, pautada em uma dinâmica simples realizada com objetivo de relacionamento com os alunos. E as primeiras impressões socioeconômicas são que os alunos são de classe média para baixa, (observando vestimentas).

A escola está inserida em um setor cuja a maioria dos moradores, são dependentes de programas de transferência de renda. Supondo que os moradores fazem parte em certo grau do cotidiano do JBR.

> A pesquisa de campo, no Conjunto Habitacional Madre Germana I, (...). A totalidade das atividades com fins lucrativos desenvolvida pelos respondentes é constituída por microempreendimentos. (...) a esmagadora maioria dos clientes dos estabelecimentos é beneficiário de algum programa de transferência de renda. (OLIVEIRA, C. A; CASTRO, S. D. 2018)

A autora e licencianda deste texto, estudou em uma escola de periferia na região sudoeste de Goiânia, ela leva consigo a visão experienciada da marginalidade vivida pelos alunos da escola pública periférica. O ensino básico ofertado nessas configurações, mostrou que não é comum que seus alunos ingressem no ensino

[2] Vide: http://colegiojbr.blogspot.com/p/conheca-nossa-escola.html

superior, ou até busquem algo que gostem. O que costuma acontecer é a realização de cursos técnicos, com foco no mercado de trabalho, resultando em vidas medíocres. É inegável que a situação econômica influencia nessa atitude.

As ações investigativas, se darão sob a exploração dos temas e situações envolvidas no processo de ensino, que influenciam no comportamento do adulto. As ações podem ser diversas, pois, também pretende-se adaptá-las a história de cada aluno. Considerando alguns questionários de natureza coletiva, e para alguns casos mais representativos os questionários serão de caráter mais individualizados para aprofundamentos. Por exemplo, imagine que um dos alunos, em situação de alta representatividade da maioria, média ou minoria, pode ser inclinado a arte, como esse aluno seguirá de sua realidade (provavelmente distante da arte)? Ele vai desistir e seguir qual profissão? Ou vai procurar algo adaptando sua realidade com o que gosta? Vai seguir uma tradição familiar? E assim por diante. Nessa vertente, as ações também pretendem revelar para o próprio aluno sua capacidade, seu protagonismo.

Possíveis formas de registro das ações realizadas

Dinâmicas e questionários com registros de impressões gerais e específicas por parte do coordenador da dinâmica/questionário, mais registros realizados individualmente pelo público alvo da atividade também em papeis. Posteriormente os registros são compilados em uma planilha eletrônica para que seja possível a construção de tabelas além de uma análise qualitativa e quantitativa. As dinâmicas também serão divulgadas pelo website do PGP-JBR (mídias e documentos pertinentes) para arquivo histórico do GGP.

As impressões também podem ser registradas a partir de um diário de bordo, no qual também serão registrados pensamentos e reflexões pessoais.

Possíveis referenciais teóricos

Pretendo explorar mais os artigos a seguir: quanto a relação que a família tem com a escola no desenvolvimento humano, o artigo: A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano de Maria Auxiliadora Dessen e Ana da Costa Polonia (já citado na introdução). E para a psicologia envolvida no processo, pretendo explorar a teoria de Abraham Maslow (psicologia humanista) sobre a hierarquia das necessidades humanas ou como é conhecida Pirâmide de Maslow que pode contribuir para investigação do estado motivacional dos alunos. Com o artigo: A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho, de André Ferreira, Carolina Medeiros Demutti e Paulo Eduardo Oliveira Gimenez. Eis o resumo deste último:

> O presente trabalho tem o objetivo de analisar se os fatores motivacionais descritos por Abraham Maslow, em sua teoria das necessidades, são percebidos da mesma forma quando se analisa pessoas no ambiente no trabalho com diferentes níveis de escolaridade (níveis fundamental, médio e superior). Na revisão bibliográfica, destacam-se: o senso comum das obras que abordam a Teoria das Necessidades de Maslow; a Teoria ERG de Alderfer; e a teoria original de Maslow. O método utilizado foi o Estudo de Caso, e a técnica de pesquisa utilizada para coleta de dados foi a aplicação de formulário aos funcionários de uma empresa multinacional atuante no ramo automobilístico, localizada na região sudeste do Brasil. A amostra, não probabilística, teve um número total de 102 respondentes. Os resultados mais

> relevantes da pesquisa indicam que os funcionários de nível fundamental consideram os fatores de nível baixo da pirâmide de Maslow como os mais importantes. Enquanto os entrevistados de nível médio e superior consideram os fatores de nível alto como preponderantes. Conclui-se, no âmbito desta amostra, que há uma correlação entre o nível educacional e a percepção quanto aos fatores motivacionais no ambiente de trabalho. (FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010, grifo nosso)

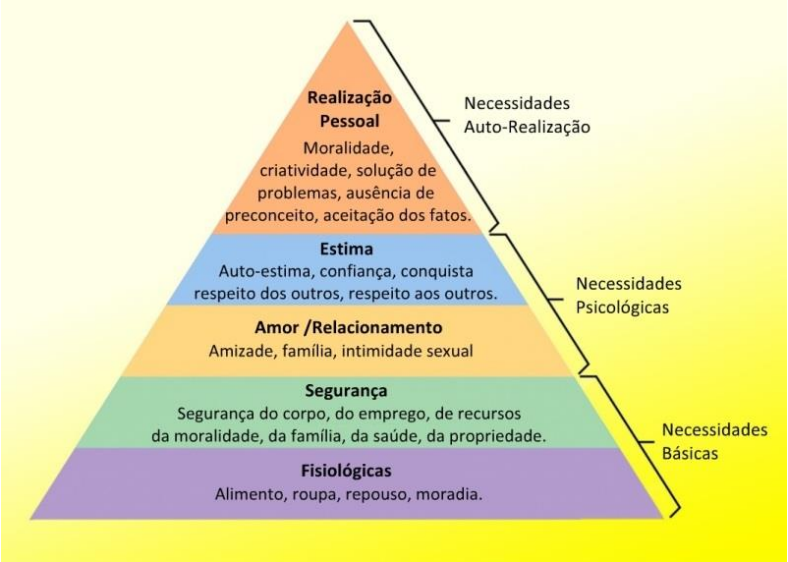

Figura 1: Pirâmide de necessidades de Maslow, fonte: http://cubomagicobrasil.com/forum/topic/16285-pir%C3%A2mide-de-necessidades-de-maslow/ acesso em: 18/07/2019.

Sugestões do professor formador da escola, dos licenciandos e dos professores formadores de estágio

Conclusão

Referências

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008, seção 1, p. 3-4.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32 de abril de 2007.

FERREIRA, A; DEMUTTI, C. M., GIMENEZ, P. E. O. A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho, XIII SEMEAD Seminário em Administração, setembro de 2010, ISSN 2177-3866

GENOVESE, L.G.R *et al.* Diálogo entre as múltiplas perspectivas na pesquisa em Ensino de Física. In: ___. Programa institucional de bolsa de iniciação à docência: termos em reflexão à luz dos pressupostos do GGP-PIBID – Física do instituto de Física-UFG. 1ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. cap. 16, p. 345-397.

OLIVEIRA, C. A; CASTRO, S. D. O desenvolvimento da distribuição de renda do Setor Madre Germana I em Aparecida de Goiânia. Ambiência - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais, v.14, n.1, p. 26-43 de jan/abr 2018, ISSN 1808-0251

Anexo I – Trajetória social e escolar

Meu nome é Camila dos Reis Leandro. Sou filha de Dalmi José Leandro e Iraci dos Reis Pinheiro. Nasci em Anápolis/GO. Meus pais são separados. Tenho uma irmã 3 anos mais nova do que eu. Eu moro com a minha mãe e a minha irmã. Eu namoro e estudo. Minha irmã trabalha e estuda. Minha mãe só trabalha. Meu pai mora com a minha madrasta e meu meio irmão, que não é filho da minha madrasta e apareceu faz pouco tempo.

Meus pais são autônomos. Eles possuem ensino fundamental I (até a quinta série). Atualmente minha mãe é faccionista e meu pai é caseiro e pedreiro. Enquanto minha mãe se mantém constante na costura meu pai faz de tudo um pouco: mestre de obra, pintor, eletricista, encanador, caseiro, até cantou em uma dupla com meu tio, meu pai sempre gostou de música, ele costuma tocar e cantar quando a família se reúne. Hoje meu pai está buscando sua estabilidade financeira através da criação de galinhas e de, talvez, vacas leiteiras.

Minha mãe é caseira, sistemática e muito metódica. Meu pai não é muito caseiro, mas é sistemático também. Minha irmã é mais caseira e pouco sistemática. Eu sou meio caseira, e sistemática. Minha mãe não recebe muitas visitas. Minha irmã tem poucos amigos. E eu sou introspectiva, geralmente quando me abro para pessoas procuro mantê-las mais superficialmente, sou uma criança, medrosa, que se retrai para não ser repreendida.

Na segunda série do fundamental eu respondi em uma tarefinha que quando eu crescesse eu queria ser professora. No meu uniforme do terceiro ano escolhi escrever pedagogia como minha escolha de curso. É complicado desvendar de onde veio a minha escolha pela profissão. Não fui uma aluna sociável, sofri certo grau de bullying por usar óculos desde muito cedo - imagino; nem sequer tenho claro na minha mente se, na primeira infância, algum professor me marcou de tal forma que me levou a escolher ser professora na tarefinha que respondi. Lembro que uma professora me deu um lápis porque o meu era muito pequeno, engraçado é que o lápis pequeno não me incomodava. Acredito recordar desse momento porque a professora pareceu compadecida da minha situação e quem sabe por isso os professores da escola não me pareciam “maus” como os alunos. Mas, isso são minhas especulações inconclusivas.

Já no ensino médio acredito que a vontade de ser professora vinha de uma mistura de felicidade em ajudar outros alunos que me procuravam por me achar “nerd”, e da admiração por alguns professores e até da revolta sobre as práticas de outros, essas situações me fazia imaginar: “Como seria se eu fosse professora? ”

Durante o ensino médio participei do programa menor aprendiz, fiquei por 2 anos trabalhando em uma construtora multinacional, sendo que no primeiro ano fui colaboradora no departamento de recursos humanos e no segundo fiquei no departamento pessoal. Nesse tempo eu fiquei admirada com a minha coordenadora de RH e chateada com o tratamento que me dera a equipe do DP. Pela admiração que sentia, passei a seguir essa coordenadora de RH, passando por mais duas empresas. Pela experiência que adquiri trabalhando com essa coordenadora fazia sentido cursar um tecnólogo em recursos humanos. E foi o que fiz. Mas, à medida que

eu a acompanhava minha admiração por ela foi se transformando em decepção por causa da forma que ela passou a me tratar.

Decidi que precisava andar com minhas próprias pernas, então procurei a empresa mais fácil para começar de novo - longe daquela mulher. Fui trabalhar no Mc Donalds. Lá eu comecei como atendente e dois meses depois fui promovida para administrativa. Fiquei por lá pouco tempo. Eu era muito imatura e tinha vícios comportamentais nada profissionais. Mas, nesse período eu ainda não me enxergava assim, para mim estava tudo certo comigo, eu era ótima, a empresa que era ruim. Então pedi demissão e com a indicação de um professor da faculdade eu participei de um processo seletivo para ser DP de dois hotéis.

Eu passei e a vaga de DP era minha! Mas minha imaturidade profissional ficou muito clara nesse período, e de alguma forma a falta de integração e de treinamento da gestora que me contratou deixou muito evidente o meu despreparo. Com as cobranças dessa gestora e de outros departamentos, percebi que o barco estava furado e que de alguma forma mais digna eu deveria sair dele. Então eu fiz um vestibular na UNIP para matemática licenciatura. Eu pensei o RH não está legal para mim, vou tentar ser professora. Acabou que na UNIP não deu certo. E a gestora do hotel me chamou para conversar sobre algo que eu já suspeitava. Minha demissão.

Não passei do período de experiência. Pela primeira vez isso aconteceu. Logo comigo que achava ser uma boa profissional. Foi um choque de realidade terrível.

Eu não podia ficar sem trabalhar. Então consegui uma vaga no supermercado da esquina de casa como caixa. Nesse período eu usei a nota do Enem para tentar uma vaga em algum curso na UFG, já que na UNIP não deu certo e o RH tinha me deixado em conflito. Só que depois que eu vi que não tinha passado na primeira chamada eu desisti de olhar as outras.

Eu tinha escolhido física influenciada pela minha irmã, ela foi impactada com um professor de física muito empolgado. Foi ela que me lembrou de olhar as outras chamadas. E assim eu lembrei de olhar e constatar meu nome na lista da chamada pública. Foi um sentimento esquisito, nunca acreditei que poderia estudar numa universidade federal. Eu não era a pessoa mais estudiosa, eu só fazia as tarefas que me pediam na escola em que estudei desde a separação dos meus pais. É uma escola pública nada referência. Eu não me imaginava passando, tanto é que minha nota no Enem foi bem mediana (580).

Entrei na faculdade e me deparei com uma realidade massacrante, de professores que deixam o aluno largado a sua sorte, que deixam o aluno confiado em seus conhecimentos anteriores - que no meu caso foram fraquíssimos. A postura dos doutores não era receptiva. Dentro da sala de aula a disputa silenciosa entre os colegas, classificando em suas atitudes grupos de sucesso e fracasso declarado. Na casa dos intelectuais você é ou não inteligente e seu futuro é julgado por suas notas. As vezes dava vontade de voltar para o RH, quão desafiadora é a universidade. No meu caso, o IF-UFG.

Novamente, não posso ficar sem trabalhar. Então convenientemente ao meu desenvolvimento ruim na universidade, eu tranquei meu curso. Por um ano trabalhei no RH/DP/faz tudo, de uma empresa familiar. Com uma cabeça mais madura quanto

a minha experiência em outras empresas eu realmente aprendi e trabalhei loucamente. Era muito grande a pressão. O tratamento, a remuneração, as motivações não existiam, o que me mantinha ali era o pensamento “não posso ficar sem trabalhar”.

Depois de um ano pedi demissão. Minha justificativa era, o salário que eu perderia sem trabalhar, no tempo que eu levaria para me formar, eu recuperaria depois de formada. A contraproposta imposta por mim aos meus ex-chefes era: “para valer a pena escolher ficar meu salário deveria ser R$ 3k”. Eu cheguei a receber proposta de promoção, essa proposta duplicava minhas funções e aumentava R$ 0,5k no meu salário, que iria para R$ 1,3k. Fiquei boba com a exploração descarada. Sai da empresa.

Na faculdade descobri que o professor não está valendo tanto assim. Não que eu não soubesse, desde o ensino médio vejo as reclamações dos professores. Mas a faculdade me deu uma visão da burocracia e podridão do sistema. O não reconhecimento do professor como profissional. Agora é tarde para salvar o meu pescoço. Tenho que ir até o fim e olhar ao redor. Tem mais gente nessa situação, sozinha não faço cócegas em mim e muito menos nos outros.

Em seguida, apresente problema ou problemas de interesse em torno do quais Você, auxiliado pelos professores supervisor e de estágio, desenvolverá suas leituras, ações e análises sobre a realidade escolar.